

Arte paleolítica no Baixo Alentejo: Falso, cópia ou autêntico?

*Manuel Maia**

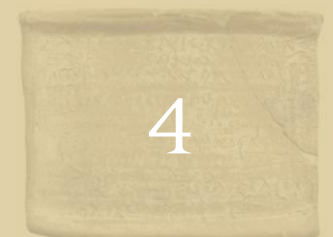
Resumo:

Na demolição de um casebre, em Castro Verde (Beja, Baixo Alentejo) foi recolhida uma pequena laje que, indubitavelmente estava colocada na horizontal, como o demonstram vestígios de argamassa nas duas faces. Numa das faces ostentava gravuras de animais, pintadas, em estilo do Paleolítico. Levada para exame aos especialistas do Vale do Côa, informaram que não podia ser do Paleolítico e que deveria ser uma cópia e não um falso. Uma análise à tinta revelou a presença de barita o que não permite uma datação anterior aos finais do século XIX.

Abstract:

During the demolition of a very poor house, at Castro Verde (Beja, Baixo Alentejo), someone discovered a little stone with engraved and painted animals in paleolithic style. The experts of Côa Valey said that we are in face of a copy, not a false. As the House had more than 200 years, is very didicult to be a copy. One analysis to the pigment shows the presence of bariete only used after the end of the 19th century.

* *Museu da Lucerna (Castro Verde)*



Em Fevereiro do passado ano de 2012, fui contactado pela proprietária da farmácia de Castro Verde, Dr^a. Celeste Caeiro, a fim de examinar uma pedra que lhe tinha sido oferecida. Tratava-se de uma pequena laje de 40 x 13 cm, de xisto gneissico, onde figuravam, gravados, três cavalos, um caprídeo e três antropomorfos (Fig. 1). Acrescentarei ainda que a pequena laje apresentava vestígios de argamassa de cal nas duas faces.

Não me parecia arte pastoril, de que conheço um exemplar no concelho de Castro Verde. Os três antropomorfos que empunhavam arcos, muito esquemáticos pareciam apontar para alguns exemplos de arte rupestre do Levante Espanhol (Fig. 2).

Observando a peça com melhor luz e atenção verifiquei que o caprídeo (macho), que ocupava a parte direita da pequena laje, apresentava muitas semelhanças com gravuras do Vale do Côa (Fig. 3). Um dos cavalos, pintado com um ocre avermelhado, ostentava no dorso uma linha negra, possivelmente de manganês, que estilisticamente o aproximava bastante das figuras de Lascaux (Fig. 4).

Um dos outros equídeos apresentava uma coloração bastante ténue (Fig. 5) e o último, à vista desarmada não apresentava qualquer vestígio de pigmento.

Os zoomorfos mediam cerca de 7 cm de comprimento. Apparentemente tratar-se-ia de uma peça de arte móvel.



Fig. 1. — Laje com gravados

Não sendo nem querendo passar por especialista em arte rupestre, pedi à proprietária da pedra autorização para a fotografar e para enviar as fotos para os especialistas do Vale do Côa.

Entretanto pedi informações sobre o achado, local, achador e condições da descoberta. Fui informado de que a peça tinha sido recolhida entre entulho proveniente da demolição de um casebre na vila de Castro Verde, no Baixo Alentejo.

Enviei as fotos para Vila Nova de Foz Côa e rapidamente obtive resposta do Dr. António Martinho Baptista que me pediu para lhe levar a pedra para que a pudesse analisar com rigor.

Obtida autorização da proprietária levei a peça aos especialistas.

Martinho Baptista começou por dizer que não podia ser do Paleolítico porque teria sido gravada com um punção, muito possivelmente metálico. Seguidamente observou que o cavalo que ainda apresentava pigmentação estava a defecar. Depois disse-me que em sua opinião não estávamos face a um falso mas a uma cópia, antiga.

Disse-me que muito possivelmente teria sido alguém, que tendo tido conhecimento, *de viso* ou através de alguma publicação, da arte rupestre paleolítica, teria feito ou mandado executar uma cópia ou recreação para seu usufruto.

Este especialista é natural do Alto Alentejo, de uma zona agricolamente rica onde grandes proprietários possuíam autênticos palácios e podiam viajar até locais onde pudessem visitar as grutas com arte rupestre. Acontece que o edifício em cuja demolição foi recolhida a laje, pouco mais era do que um estábulo e a presença de vestígios de cal em ambas as faces da laje eram prova de que a pedra tinha estado integrada numa construção.

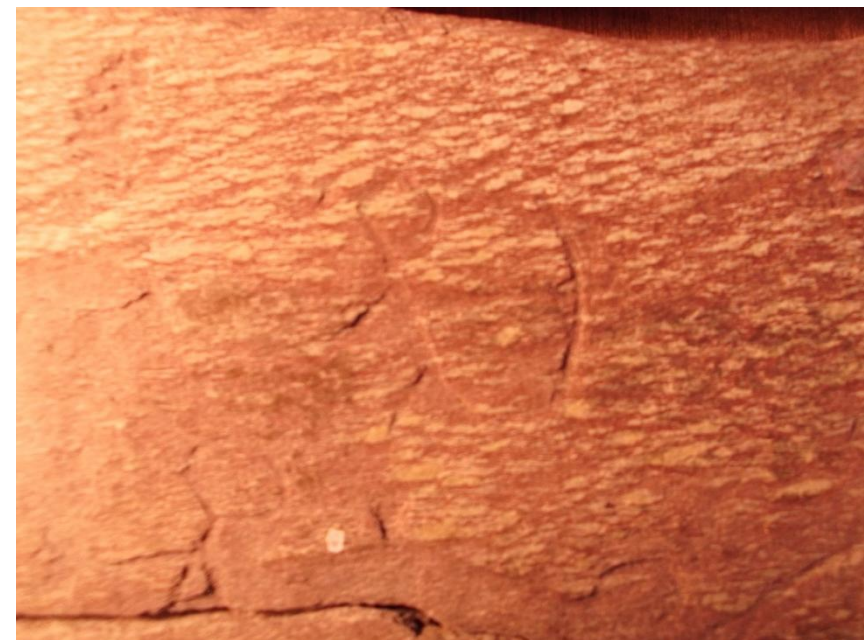


Fig. 2. — Antropomorfos com arcos

Regressado a Castro Verde iniciei um inquérito a fim de recolher todos os elementos que pudessem contribuir para esclarecer este problema.

O que me causava maior perplexidade era a declaração de A. Martinho Batista de que estávamos na presença de uma cópia antiga e não de um falso.

Em mail que me enviou, aquele arqueólogo informou-me de que “O Paul Bahn está a terminar um livro sobre as falsificações e as *coisas duvidosas* (o sublinhado é meu) da pré-história europeia. Vou enviar-lhe uma foto disto para ver o que ele diz...”

A principal objecção levantada por Martinho Baptista à autenticidade das gravuras baseia-se essencialmente na técnica da gravação que é feita por traço contínuo e não pelo picotado presente na maior parte das gravuras rupestres. A maior parte das gravuras, principalmente as do Côa, região que conheço muito bem, mas também as do Tejo foram praticadas em xistos muito duros e apenas com a técnica de uma martelagem forte podiam ser praticadas as gravações. Na peça de Castro Verde estamos perante um xisto gneissico que poderia ser riscado com relativa facilidade com um punção de quartzo, por exemplo.

Mas há vários factores que militam contra a hipótese de estarmos perante uma cópia, *antiga*, alguns dos quais se prendem com as próprias figuras gravadas na laje.

Tratando-se de uma cópia não seria para admirar que as gravuras sejam de dimensões muito reduzidas, os 7 cm já referidos. Mais estranho será que ao nível dos pormenores não haja cópias fiéis. Tomemos como exemplo o caprídeo que apresenta semelhanças evidentes com a *capra pyrenaica*, gravada nas rochas 4, 5B, 6, 9 e 11 da Penascosa, no entanto a cauda deste animal, aliás como as de dois dos outros animais presentes nesta laje nada tem a ver quer com as gravuras do Côa, nem com as pinturas de Altamira, para só citar o monumento com mais hipóteses de ser coevo de uma cópia antiga, com uns cem anos, como me disse A.M. Baptista.



Fig. 3.— Caprídeo

Temos ainda uma prova mais evidente ainda de que não podemos estar perante uma cópia.

A figura que ocupa o lado inferior esquerdo da laje representa um cavalo, que como já mencionei apresenta o corpo pintado com um ocre avermelhado e o dorso ostentando uma risca escura, talvez de manganês, que tanto se pode destinar a dar algum volume à figura como pode representar essa característica dos cavalos selvagens. O animal está representado a defecar, com a cauda levantada.

Em mail enviado a A.M. Baptista perguntei a este arqueólogo se existia no Parque do Vale do Côa alguma gravura que representasse um cavalo a defecar. Em resposta aquele especialista respondeu-me: “Quanto à outra figura (o cavalo), não é de um cavalo, mas sim de uma cabra e é uma das figuras paleolíticas mais conhecidas da arte móvel. Podes encontrá-la a cores em qualquer manual de pré-história. É de Mas d’Azil e há outra igual em Bédeilhac. Ambos são propulsores”.

Se não existe nenhuma gravura que represente um cavalo a defecar então não podemos estar perante uma cópia. Se fosse um falso já o poderia admitir mas, neste caso, a falsificação teria que ser executada por alguém que conhecesse bem a arte paleolítica, talvez um arqueólogo, porque não me parece fácil que um “artista” bem intencionado mas sem profundos conhecimentos da arte deste período pudesse transpor um caprídeo esculpido na ponta de um propulsor, para um cavalo. Além disso temos também aqui o problema temporal. A laje terá sido gravada, segundo A.M. Baptista, há uns cem anos, portanto anteriormente à descoberta destes dois propulsores. Mas-d’Azil foi escavado nos anos 20/30 do século XX.

Outro problema que se levanta contra a teoria da cópia é a presença dos antropomorfos. Estas gravuras nada têm que ver com a arte paleolítica, como aparecem então nesta placa?

Mais uma vez recorri a Martinho Baptista. A primeira impressão que me deixou a pedra foi a de que estaríamos na presença de arte rupestre do Levante Espanhol. Porém, mesmo naquele tipo de arte rupestre não me lembrava de ter visto figuras humanas representadas de forma tão esquemática. Inquiri, por isso, aquele arqueólogo sobre a existência de paralelos para as figuras.

Em resposta A.M. Baptista informou-me do seguinte: “Quanto ao antropomorfo semelhante aos que estão na placa, está numa fraga em Miranda do Douro (Fraga do Puio) e foi publicado pela Maria de Jesus Sanches. Envio-te a publicação em pdf”.

Tendo lido atentamente a publicação em causa verifiquei que ou a laje é uma cópia muito recente e não com uns cem anos ou não pode ser uma cópia porque o antropomorfo da Fraga do Puio foi descoberta em 2001 e publicada em 2002.

Todos os elementos que apresentei parecem contradizer completamente a opinião de António Martinho Baptista que pouco depois de lhe ter levado a pedra para que a examinasse com mais tempo e melhores condições afirmava: “Seria muito interessante saber como apareceu aí essa pedra e até quem terá feito esses motivos, porque não tenho dúvida que eles são uma recreação. Mas muito interessante e já eles também património da longa redescoberta do homem pré-histórico”.

Noutro mail A.M. Baptista pediu-me o máximo de elementos possível sobre o achado da laje gravada, tipo de construção local e até se seria possível saber quem a produziu.

Das minhas investigações no local fiquei a saber que a “casa” em cuja demolição apareceu esta peça era um casebre tão miserável que, apesar de porfiados esforços neste sentido não foi possível descobrir uma única fotografia do pardieiro. Devo dizer que apesar de ficar a uns 50 m do Museu que dirijo não tenho a mais pequena lembrança da casa, a tal ponto chegava a insignificância da construção.



Fig. 4. — Cavalho

Como puderam constatar no Museu do Côa, a pedra apresentava vestígios de cal proveniente de uma argamassa o que demonstra que esta laje tinha sido utilizada como material de construção e não como uma relíquia religiosa e carinhosamente guardada.

Tentei saber de quando dataria a construção. Todos me diziam que era uma casa muito velha, mas ninguém guardava memória da sua construção.

Vim a saber por um idoso com oitenta e muitos anos, que, quando era criança ou seja pelos anos 20 30 do século XX, lhe diziam que aquela era a casa mais velha de Castro Verde. Não sei que veracidade poderei atribuir a esta afirmação mas, do que não me restam dúvidas é de que no final dos anos vinte do século passado a casa já era muito velha.

As informações que recolhi, levam-me a concluir estarmos perante uma construção do século XIX. Se tivermos em atenção que a pequena laje foi utilizada como material de construção o que lhe confere uma cronologia muito mais recuada, anterior portanto à descoberta de Altamira (o primeiro exemplo conhecido de arte paleolítica), e mais ainda da sua primeira publicação datada de 1880 e mesmo esta não passa de um pequeno opúsculo.

Põe-se, portanto, a pergunta quem antes de Altamira teria copiado, não se sabe de onde as gravuras agora encontradas?

Resta ainda uma questão em aberto: a tinta.

António Martinho Baptista disse que a tinta lhe parecia já industrial, usou mesmo o termo de tinta plástica.

Já depois da realização do *VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, consegui que o *Instituto Hércules* da Universidade de Évora procedesse à análise da tinta utilizada na pintura destas gravuras. Embora, até à data me não tenha sido enviado o relatório dessas análises, fui pessoalmente informado pelo Prof.



Fig. 5.— Cavalho

Doutor António Candeias de que a tinta tinha barita, o que significa que as gravuras não puderam ser realizadas antes dos finais do século XIX.

Na minha opinião, e contrariando Martinho Baptista, estamos na presença de um falso e não de uma cópia.

Resta-nos descobrir, quando foi feita, por quem e com que intenção.

A transferência de um conceito, de uma escultura para uma gravura, revela um bom conhecimento da arte paleolítica e um certo sentido de humor. Transportar a imagem de um bode a defecar, como se disse, esculpido na base de um propulsor, para uma gravura em que é um cavalo a fazê-lo, parece-me prova de preparação teórica.

No entanto, o que me continua a perturbar é o não compreender como podem existir vestígios de argamassa nas duas faces da pequena laje, cimento que denuncia a sua colocação numa parede como material de construção.

Tratando-se, como tudo o indica, de um falso, então esta argamassa foi lá colocada para nos fazer crer que estaríamos perante uma peça antiga e então estaremos perante não só de um falso mas de uma criação fraudulenta.

BIBLIOGRAFIA

BRÉZILLON, M. (1969): *Dictionnaire de la Préhistoire*. Paris.

ZILHÃO, J. (1997): *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Lisboa.